

UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA

CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BEATRIZ XAVIER VASCONCELOS

NATANAEL DA SILVA DOS SANTOS

**AS DIFICULDADES QUE O PEDAGOGO ENFRENTA NA SUA
PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Parnaíba-PI

2021

BEATRIZ XAVIER VASCONCELOS
NATANAEL DA SILVA DOS SANTOS

**AS DIFICULDADES QUE O PEDAGOGO ENFRENTA EM SUA
PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
como requisito para a conclusão do curso de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dr^a. Gilvana Pessoa de Oliveira.

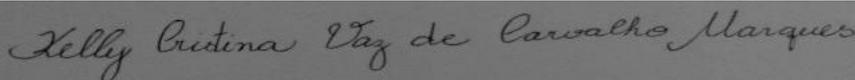
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr^a. Gilvana Pessoa de Oliveira.
(Orientadora – UFPI)



Prof. Me. Lucivando Ribeiro Martins.
(Membro da Banca – UESPI)



Prof^a Ma. Kelly Cristina Vaz de Carvalho.
(Membro da Banca – UFDPAR)

Parnaíba-PI

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Biblioteca Prof. Cândido Athayde – Parnaíba
Serviço de Processamento Técnico

V331d Vasconcelos, Beatriz Xavier.

As dificuldades que o pedagogo enfrenta em sua prática na educação infantil [recurso eletrônico] / Beatriz Xavier Vasconcelos, Natanael da Silva dos Santos. – 2021.

1 Arquivo em PDF
30f.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2020.

Orientação: Prof. Dr^a Gilvana Pessoa de Oliveira.

1. Prática Docente - Ensino. 2. Ambiente Educacional – Professor Homem – 3. Educação Infantil. - Desafios e Diversidades. 4. Pedagogo – Visão Profissional. I. Título.

CDD: 372.71

SUMÁRIO

1	O início da Caminhada.....	06
2	Ferramentas da Jornada	08
3	O que dizem a respeito	10
3.1	A Feminização Da Educação	11
4	Sonhos e anseios	13
4.1	Pedagogia? Por quê?	14
4.2	O Bendito Fruto Na Pedagogia	15
4.3	Dificuldades Por Ser Do Sexo Masculino	18
4.4	Por Onde Andam Os Professores Da Educação Infantil	20
4.5	Educação Infantil Você Aceita?	22
4.6	Sou Minoria Como Me Sinto	24
4.7	Educação Infantil Ou Não? Qual A Melhor Faixa Etária Para Lidar	26
4.8	Mulher É Mais Capacitada Para O Cuidar E O Educar	27
5	Onde chegamos!	29
	Referências	31

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo apresentar as dificuldades que o pedagogo enfrenta em sua prática docente na Educação Infantil. Tendo em vista que na maioria das escolas não existem professores homens atuando, de modo geral este trabalho pretende compreender quais as principais dificuldades/desafios enfrentados por pedagogos que atuam na Educação Infantil. De modo específico, pretende-se: refletir sobre a presença do pedagogo, nesse período de ensino; identificar a importância da diversidade no ambiente educacional; analisar como os pedagogos se enxergam como profissionais da Educação Infantil. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada utilizando entrevistas semiestruturadas com alunos do último período do curso de Pedagogia, em 2020. Os resultados mostraram a falta de representatividade de professores homens no que concerne às suas percepções sobre seu trabalho e o acesso ao ambiente escolar, na Educação Infantil. Durante a realização dos estágios curriculares dos entrevistados, notou-se que, atualmente na faixa etária atendida na Educação Infantil predomina uma representação feminina, pois a mulher ainda é idealizada como delicada e capaz de cuidar e educar melhor as crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Prática docente. Ensino.

ABSTRACT

This study aims to investigate the difficulties that pedagogues face in their teaching practice in Early Childhood Education. Given that in most schools there are no male teachers, in general this work aims to understand the main difficulties/challenges faced by pedagogues who work in Early Childhood Education. Specifically, it intends to: reflect on the presence of the pedagogue in this period of teaching; identify the importance of diversity in the educational environment; analyze how pedagogues see themselves as professionals in Early Childhood Education. The qualitative research was conducted using semi-structured interviews with students from the last period of the Pedagogy course, in 2020. The results showed the lack of representativeness of male teachers regarding their perceptions about their work and access to the school environment, in Early Childhood Education. During the curricular internships of the interviewees, it was noted that currently in the age group served in Early Childhood Education predominates a female representation, because the woman is still idealized as delicate, capable of caring for and better educating children.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Teaching practice. Teaching.

1 O INICÍO DA CAMINHADA

A carreira docente na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental ainda apresenta uma caracterização como tarefa exclusivamente feminina. A mulher continua sendo idealizada como uma figura materna, responsável por cuidar e educar crianças, tornando “natural” a passagem das funções do âmbito privado (família) para o público (trabalho). Por isso, ainda se torna muito difícil ver a presença de Pedagogos nessa etapa de Ensino.

Para o Pedagogo que deseja atuar na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, torna-se uma tarefa mais difícil, por ser visto como alguém que não possui uma “alma materna” capaz de cuidar da criança em suas necessidades e por estarmos em uma sociedade que tem preconceito ao ver um homem atuando nesse ambiente.

O Professor, na Educação Infantil, torna-se um corpo estranho, necessitando assim de tempo para se adequar. Pais e demais pessoas que integram o corpo de funcionários de uma escola podem não vê-lo como um profissional que é capaz de desenvolver as atividades pedagógicas como qualquer professora.

O reduzido número de profissionais masculinos acaba construindo diferentes barreiras, podendo gerar insegurança. Não por duvidar de sua capacidade de cuidador e educador, mas por estar imerso nas análises sociais ao vê-lo fazendo certas tarefas que são corriqueiras, como trocar fraldas, preparar o alimento, dar banho, colocar para dormir, orientar sobre a higiene pessoal e entre outras atividades que são associadas ao cuidar.

A atuação do pedagogo na Educação Infantil se torna estranha por ser menos frequente ver a presença de tal profissional nesse ambiente educacional, fica evidente a existência de desafios intrínsecos dos professores na Educação Infantil. Nesse sentido, constata-se uma construção social de papéis concebidos como femininos, mas esse é um campo de atuação tanto para homens quanto para mulheres, que se dedicam ao cuidar, brincar e educar.

Durante a construção da pesquisa, muitas questões se entrecruzam com a nossa própria formação, ao perceber a desproporção entre alunos do gênero masculino e feminino, no curso de Pedagogia, como: por que há, de forma desigual, a falta da figura masculina nas primeiras etapas de escolarização? Quais motivos para que homens preferem educar crianças de idade mais avançada? É mais difícil para um homem estar nessa fase escolar do que a mulher?

Para pesquisarmos o tema proposto e buscar entendê-lo com mais profundidade, temos como objetivo geral: Compreender quais as principais dificuldades/desafios enfrentados por pedagogos que atuam na Educação Infantil; e como objetivos específicos: Refletir acerca da presença do pedagogo, nesse período de ensino; Identificar a importância da diversidade no ambiente educacional, na visão da criança; Analisar como os pedagogos se veem como profissionais da Educação Infantil.

Com a pretensão de alcançar nossos objetivos de pesquisa, elaboramos um questionário e aplicamos aos alunos do último período das turmas de Pedagogia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - Campus Ministro Reis Velloso - CMRV, para buscar sanar algumas inquietações a respeito de como os alunos, que estão na transição da vida acadêmica para a vida profissional, enxergam os desafios que terão de enfrentar em sua prática profissional.

No curso de Pedagogia, percebemos que há um número elevado de mulheres na composição das turmas. A maioria dos estudantes homens entrevistados do curso optam por seguir em suas carreiras docentes vieses da Pedagogia que não sejam a sala de aula da Educação Infantil. Alguns optam por cargos na gestão escolar ou até estudam em outra graduação para que seja possível lecionar para turmas de idades avançadas.

O professor terá que enfrentar desafios que exigirão uma postura profissional pautada na compreensão de que a sociedade o verá (ainda) como uma novidade na sala de aula dos pequenos, pois, culturalmente, esse é um ambiente onde deveria prevalecer a figura feminina e o pedagogo poder sentir-se alheio aquele espaço.

Buscamos por meio desse estudo falar sobre a presença do pedagogo na Educação Infantil e contribuir para que mais homens possam se interessar pela área da pedagogia e a comunidade escolar possa aceitar com maior facilidade a sua presença na área da Educação Infantil. A escolha do tema proposto ocorreu a partir do momento que percebemos um número mais elevado de mulheres nos cursos de Pedagogia e principalmente na atuação nas escolas de Educação Infantil.

Devido à escassez de pedagogos, e por algumas Instituições de Ensino não aceitarem profissionais homens, procurou-se apresentar quais os desafios/dificuldades dos profissionais do sexo masculino, durante o estágio supervisionado. Buscou-se entender o que acarreta desafios maiores aos homens nesse nível de escolaridade e o que leva a muitos discentes iniciantes no curso de Pedagogia cogitar por não atuar na Educação Infantil.

As pesquisas em educação devem incluir a discussão de gênero a fim de compreender de que forma estes modelos repercutem na construção da identidade profissional. Os estudos

futuros podem compreender de forma crítica a trama de relações existentes no ambiente escolar e romper com a violência cotidiana a que homens e mulheres são submetidos através da invisibilidade da figura masculina na Educação Infantil.

Assim, este trabalho pretende contribuir para uma reflexão acerca da importância da presença do pedagogo na Educação Infantil, corroborando para a adesão desse profissional nesse espaço educacional e para permitir que a sociedade escolar possa rever seus conceitos sobre a presença de homens atuando com crianças na Educação Infantil, proporcionando ambientes mais diversos, com novos conceitos de atuação docente para crianças de 0 a 5 anos, pois esse espaço não é exclusivamente feminino, mas composto por profissionais capacitados independente de seu gênero.

2 FERRAMENTAS DA JORNADA

A partir de ideias e inquietações, buscamos realizar essa pesquisa, baseados na concepção de Lara; Molina (2011) que defendem a construção de uma pesquisa a partir de um questionamento. Uma investigação deve partir de um questionamento inicial que irá fundamentar a pesquisa.

Optamos por elaborar a pesquisa de maneira qualitativa, por essa abranger os vários aspectos do universo a ser pesquisado, nos possibilitando mais liberdade e participação em aspectos que outras metodologias de pesquisa não possibilitam. Para Zanette (2017, p.165),

o foco da pesquisa qualitativa é a análise interpretativa e não a quantificação de dados. Portanto destaca-se o processo e não o resultado em si; busca-se uma compreensão contextualizada no sentido de que as atitudes e as situações liguem-se na formação, dando lugar para as representações das experiências e das palavras; e, no reconhecimento do impacto do processo de investigação sobre os que estão envolvidos no contexto da pesquisa, ou seja, o pesquisador exerce influência sobre a situação em que está investigando e é por ela também influenciado. Sendo assim, reforça-se a necessidade e a importância em retornar o projeto de formação permanente de estudos, leituras e debates em torno da temática “pesquisa qualitativa” nos trabalhos de investigação que envolvem questões da existência humana.

Depois de esclarecermos os pontos centrais a serem investigados fomos em busca da disponibilidade de material teórico que trata do assunto. Nosso público alvo seria professores formados no curso de Pedagogia, do sexo masculino, que estariam em atividade docente atuando na Educação Infantil. Mas, vimos que não tínhamos público para pesquisar por falta de Pedagogos nos espaços de Educação Infantil. Por isso, optamos por eleger como sujeitos de nossa pesquisa os alunos na fase final do curso de Pedagogia, por estes terem vivido a

experiência de atuar com crianças pequenas recentemente no estágio na educação infantil que ocorre no último período do curso.

Após a seleção dos sujeitos a serem pesquisados, buscamos elaborar uma entrevista para ser realizada com os discentes. Em nossa proposta inicial iríamos realizar uma reunião com todos os alunos da turma, que estariam em período de encerramento do curso, que somavam 7 (sete). Como mencionado anteriormente, os discentes estavam na reta final de sua formação, alguns já trabalhando em espaços educacionais ou não, e outros buscando finalizar seu TCC (trabalho de conclusão de curso).

Realizamos uma entrevista semiestruturada que, segundo Lessa de Oliveira (2008, p. 13):

dá uma maior possibilidade de entendimento das questões estudadas, uma vez que permite não somente a realização de perguntas que são necessárias à pesquisa e não podem ser deixadas de lado, mas também a relativização dessas perguntas, dando liberdade ao entrevistado e a possibilidade de surgir novos questionamentos não previstos pelo pesquisador, o que poderá ocasionar uma melhor compreensão do objeto em questão.

A entrevista semiestruturada possibilita maior abrangência do tema a partir do entendimento no seu desenvolvimento, pois permite voltar às questões que surgem durante o processo e depois revisitando lacunas que possam ser esclarecidas.

Tivemos a oportunidade de realizá-la, com dois egressos do curso, que, de pronto, aceitaram serem entrevistados a respeito das suas experiências na educação infantil, salientando aspectos para a construção de novos questionamentos. Com os demais não foi possível realizarmos um encontro para aplicarmos o questionário de forma oral, pois preferimos possibilitar o diálogo e a troca de experiências.

Como segunda opção, realizamos por meio de aplicativo de mensagens (*WhatsApp*), no qual enviamos as perguntas via aplicativo e os alunos respondiam e mandavam de volta para nós. Quando novos questionamentos surgiram, recorremos a eles novamente, e depois transcrevemos todas as informações como meio de facilitar a organização e utilização dos dados para análises.

Os sujeitos da pesquisa serão tratados por nomes das letras do alfabeto. O critério utilizado para a escolha da letra correspondente a cada entrevistado foi a ordem de disponibilidade para a entrevista, sendo assim, o primeiro entrevistado será o Professor A, o segundo o Professor B e assim sucessivamente.

3 O QUE DIZEM A RESPEITO

A Educação Básica, em sua etapa inicial (Educação Infantil) torna-se muito importante por permitir que a criança possa vivenciar o contato com o outro, o aprender a dividir e adequar seu modo de viver, ou seja, aprender em grupo, mas não é somente com outras crianças que ela irá conviver, estará presente com ela nesse momento um (a) professor (a). Na Educação Infantil é muito comum a criança ter uma “tia” na sala de aula, o que já se tornou corriqueiro porque a figura feminina ocupa esse espaço e quando há a presença da figura masculina ela é vista como um “corpo estranho”.

Nas chamadas Pré-Escolas há uma cultura muito forte, que defende que a mulher tem um jeito de lidar com as crianças, por ser capaz de exercer o papel de mãe, podendo causar uma insegurança no pedagogo, por estar desenvolvendo tarefas consideradas não apenas femininas, mas maternas, descaracterizando o trabalho docente.

Busca-se através dessa pesquisa refletir sobre a importância da presença do professor (refere-se aqui ao professor como o profissional do sexo masculino, assim como iremos nos referir à professora como a profissional do sexo feminino) em um ambiente que é essencialmente composto por profissionais do sexo feminino por ser atribuído a elas o papel de mãe.

Nota-se que a figura masculina na Educação Infantil ainda é muito ausente, como expõe Azevedo (2017, n.p): segundo o Censo Escolar 2016, estudo oficial com os dados mais recentes da Educação Básica no Brasil, há hoje 575 mil docentes na educação infantil brasileira, sendo 554 mil mulheres e 21 mil homens. Quer dizer, para cada professor homem numa creche ou sala de pré-escola, há 26 mulheres.

Como aborda o autor, o espaço da Educação Infantil ainda está relegado à figura feminina, o que leva o homem a se tornar um “ser estranho”, levando possivelmente a se sentir inseguro por causa da representatividade, por haver um maior número de mulheres atuando.

Buscamos nos aprofundar na pesquisa, considerando o preconceito sofrido pelo pedagogo nos cuidados com crianças pequenas, vivenciado diante do estranhamento da sociedade escolar perante a figura de um homem desenvolvendo atividades como: limpar, trocar fraldas, dar comida às crianças e colocá-las para dormir, tarefas que no ambiente privado (casa) são funções desempenhadas por mulheres. Buscamos também refletir acerca da feminização da educação e a construção da figura da professora do sexo feminino como “educadora nata”, pois à mulher é atribuída a maternagem e por isso ela seria mais capaz de

cuidar e educar crianças pequenas na Educação Infantil por a mesma ter atributos tidos como feminino: amor, sensibilidade, delicadeza entre outros.

3.1 A Feminização da Educação

A educação até pouco tempo atrás era regida por homens, pois a mulher era privada do conhecimento e da vida pública ficando sujeita a cuidar do lar e dos filhos. Considerada uma profissão masculina até meados do século XIX, no Brasil, o magistério vai gradativamente assumindo sua faceta feminina. Tendo em vista a necessidade de professoras para regerem as classes femininas, moralmente era inadequado que meninas fossem educadas por professores homens (ALMEIDA, 1998).

Seguindo a perspectiva de Almeida (1998), a questão cultural está arraigada na perspectiva da Educação ser uma tarefa feminina, por não haver uma aceitação por parte da sociedade de o homem atender a todos os tipos de crianças. Contudo, no século XXI, houve diferenças na oferta nas maneiras de instrução entre homens e mulheres. Percebemos isso pelo grande número de mulheres que procuram pela educação superior no Brasil, ainda sendo desigual as formas de acesso e permanência. Porém, com todos esses avanços a sociedade persiste em definir papéis diferenciados para homens e mulheres.

O profissional homem sofre estigmas por seu gênero. Por ser homem, a sociedade o classifica como alguém mais propenso a certos comportamentos que não farão bem aos alunos, quando comparados aos de uma profissional mulher, porque existe um preconceito nas perspectivas de homens e mulheres nessa área. Por esse motivo, no ambiente de trabalho em que os homens atuam, principalmente em início de carreira, faz com que eles possam sentir-se inseguros com sua atuação profissional. Não que o professor não goste ou não seja capaz, mas por medo de sofrer alguma represália de alguém do ambiente educacional, por sentir que não há espaço para sua atuação, por ver o ambiente composto pelo sexo oposto. Vê-se a Educação Infantil como profissão feminina, por necessitar de cuidados corporais com crianças (papel esse construído como feminino) e por haver um número elevado de profissionais, o que pode levar a figura masculina nesse ambiente a se sentir desconfortável. A Educação Infantil é vista pela sociedade como um espaço em que a mulher deva ocupar por ser vista como sensível e capaz de exercer todos os cuidados que a criança necessita, sem sofrer estigmas por já desenvolver o papel de cuidadora no seu lar. A educação de crianças vem se enveredando como papel feminino desde a revolução industrial, onde houve a

necessidade de criação de centros para cuidarem dos filhos das mulheres que passaram a trabalhar nas fabricas, e percebeu-se que a mulher já praticava o cuidar no seu lar por esse motivo ficou a cargo da mulher ocupar esse espaço para cuidar de crianças. Deve-se ter em vista, que o trabalho docente nesse período escolar, implica na indissociabilidade entre o educar e o cuidar, e que cuidar no ambiente da sala de aula é uma etapa que contribui para uma boa aprendizagem, podendo ser desenvolvida por homem ou mulher. O que se deve atentar, de fato, é se o profissional que está desenvolvendo o cuidar e o educar é capacitado para tal ação, pois segundo a BNCC, (2018) “Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo”. E que a escola é responsável por disponibilizar para a criança um ambiente plural de culturas priorizando o pleno desenvolvimento da criança através de vivências da diversidade cultural presente nos seios familiares e na sociedade.

Ao tratar do homem no espaço infantil teremos como premissa o adentrar no Curso de Pedagogia desses profissionais, por se configurar como o início da carreira docente. Na educação de crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) o cuidar e o educar são tarefas que se interligam ao mesmo tempo, que se complementam, estando presentes no fazer pedagógico durante a presença das crianças no espaço escolar (BRASIL, 2018).

Então, falar em Educação Infantil é sinônimo de pensar sobre diversos cuidados com as crianças, tanto físicos como psicológicos. Quando um profissional adentra nessa etapa de ensino, ele fica apreensivo, não duvidando de sua própria capacidade, mas com medo do preconceito que irá sofrer por parte das outras pessoas que o acompanharão, sejam pais de alunos, colegas de profissão e/ou seus superiores. Esse profissional sente receio das críticas e preocupa-se com os cuidados relacionados às crianças.

Quando o homem adentra em um ambiente de sala de aula de Educação Infantil acompanhado de uma professora, ele não chega a sofrer com queixas e olhares a seu respeito, como afirma Gonçalves e Penha (2015, p. 173). Quando isso ocorre, na maioria das vezes, quando precisa do contato físico com a criança, como levá-la ao banheiro e limpá-la, essa tarefa comumente fica a cargo da professora. É preciso salientar nesse aspecto, que o homem poderia não participar do cuidar por não se sentir à vontade em realizar atividades que foram construídas culturalmente como tarefa feminina, como dar banho nas crianças, dar comida,

banhar, vestir, colocar para dormir e entre outras tarefas corriqueiras presentes no dia a dia da Educação Infantil.

As construções e desconstruções dos papéis sociais de homem e mulher e suas relações com o ambiente, ao longo da história, resultaram das mudanças da sociedade e a produção e disseminação de conhecimentos que precisam ser reconhecidos, entendidos e valorizados no espaço escolar. Da mesma forma, é preciso discutir que elementos compõem as práticas educativas conformando identidades de gênero através dos livros, imagens, organização do espaço, falas e condutas cotidianas que limitam o desenvolvimento individual e coletivo.

Por vivermos em uma sociedade machista, acredita-se que a mulher que é a responsável pelo cuidar de crianças pequenas e o homem tem que ser o responsável por o provento do lar, “o homem, o que trabalha fora, e a mulher, a que fica em casa para cuidar das crianças”, e quando o homem vai em busca de quebrar alguns paradigmas impostos pela sociedade surgem diversas questões a respeito de suas ações como: Será que o homem possui a delicadeza que necessita para cuidar de crianças? Ele é capaz de desenvolver a paciência necessária para educar criança? Segundo Santiago et al, ao contemplar diferentes identidades em seu cotidiano, a escola não pode se omitir do papel de problematizar as relações de poder, assim como de promover a negociação e o diálogo com os processos de diferenciação, que produzem aproximações e distanciamentos identitários (SANTIAGO et al 2013, p. 41).

Esta realidade deve ser articulada ao conteúdo escolar, pois educandos e educadores vivenciam experiências de preconceito e discriminação em suas realidades que (re)construem sua concepção de mundo. Na esfera educacional, discutir a feminização da profissão docente poderia produzir uma visão mais ampla sobre as pessoas e o trabalho, com base no gênero. Porém, identifica-se uma reprodução de discursos limitantes e discriminatórios sobre ser mulher e homem em nossa sociedade.

4 SONHOS E ANSEIOS

Os professores agentes dessa pesquisa são alunos do último período do curso de pedagogia e em início de sua carreira docente. Por meio de entrevista semiestruturada foi possível captar dos professores os anseios e sonhos que os esperam neste início de carreira como docente. A apresentação das respostas foi organizada de forma separada, destacando os temas de cada pergunta.

4.1 Pedagogia, Por quê?

Buscamos entender os entrevistados desde o princípio, ou seja, o que os levou a escolherem o curso de Pedagogia, quais os motivos ligados às suas escolhas, o que esperavam e quais as aspirações em relação a cursá-lo, pois sabemos que o curso requer muito mais que habilidades, comunicação e didática. Contam bastante para assumir o comando de uma sala de aula, a sensibilidade para lidar com as diferenças, ter paciência e sobretudo, amar o que faz. Quando lhes foi perguntado: “Porque optaram por fazer o curso de pedagogia? Os entrevistados salientaram que:

Professor A - Primeiramente, porque eu sempre fui ligado à área de humanas, eu sempre soube, eu tenho que fazer algum curso na área de humanas! É minha área e não vou fugir disso, estava entre letras inglês, psicologia, direito e pedagogia, aí passei para pedagogia e psicologia, aí pensando bem optei por pedagogia por ser algo que mais se aproxima de mim. Já tinha lido e pesquisado sobre como eu poderia crescer na área. A psicologia eu tentei né, mas a pedagogia eu tinha pesquisado mais a fundo, que era realmente minha primeira opção, e foi justamente por conta disso, pelo conhecimento realmente, que eu já conhecia! Já sabia onde eu poderia atuar, onde eu poderia crescer e as adversidades que a pedagogia trazia.

Professor B – Optei pela pedagogia apenas por curiosidade, por causa de minha tia que me falou que é um curso que engrandece no currículo individual. Aí eu optei por pedagogia por conhecer, tive oportunidade de sair do curso, mas optei por ficar no curso.

Professor C – No início, apenas porque os pontos deram, mas no decorrer do curso me identifiquei e realmente me esforcei para fazer um curso bem feito. Hoje em dia já leciono.

Professor D – Escolhi o curso de pedagogia por influência de colegas e por ter trancado o curso de licenciatura em História. Devido ambos serem da área de ministrar aulas.

Professor E – Sempre tive o desejo de ser professor, quando fiz o Enem já realizei a prova com esse intuito, de conseguir entrar na universidade e conquistar uma vaga em um curso que pudesse me levar a conquistar isso, a oportunidade de lecionar.

Percebemos a partir da fala do “Professor A”, que os motivos que o levaram a escolha do curso foi por afinidade com a área da educação, mas ele deixa claros seus anseios quando

pontua em sua fala que tem conhecimento das “adversidades que a pedagogia traz”, mas deixando claro que irá procurar outros meios de “crescer na profissão”, isso nos leva a refletir se ele buscará o espaço da sala de aula da Educação Infantil como esse “meio” de desenvolvimento na profissão.

De acordo com Carvalho (1998, p. 15), ao contrário das mulheres que exercem profissões tidas como masculinas, os homens em profissões “femininas” não sofrem exatamente discriminações, mas mantêm seus privilégios masculinos ocupando os cargos mais elevados e as posições de maior prestígio e salário. A autora busca abordar o que ocorre com a maioria dos homens que adentram nessa área, buscam cargos mais elevados, seja por causa do salário que é maior, uma maneira de “fuga” da sala de aula ou por questões de segurança em exercer sua profissão.

Os professores B, C e D deixam claro que cursar Pedagogia não era um sonho a ser alcançado, os mesmos afirmaram que ingressaram no curso por outros motivos, seja por que “foi o que os pontos deram”, curiosidade ou influência de parentes e amigos como uma busca de engrandecer seu currículo, almejando ingressar em outras áreas ou na mesma área mas em atividades que não envolvam o ensino-aprendizagem diretamente com crianças na sala de aula. O “Professor E” também demonstra grande apreço pela área e pelo curso. Enxerga-se buscando a realização de seu sonho, em tornar-se docente. O mesmo se encaixa em uma minoria de professores que desejam atuar na Educação Infantil.

De acordo com o que se percebe, a maioria dos discentes de Pedagogia ingressa no curso buscando outros objetivos que não incluem a sala de aula, por já haver um preconceito enraizado na profissão levando esses alunos a não se identificarem com a área da atuação docente com crianças e partindo para a continuidade do curso buscando o mestrado e doutorado para atuarem na Educação Superior.

4.2 O Bendito Fruto Na Pedagogia

Buscamos compreender como ocorre a representatividade do sexo masculino dentro do curso de pedagogia e no mercado de trabalho. Ao serem questionados a respeito da minoridade numérica de homens presente no curso de Pedagogia e se já havia ocorrido algo de negativo com eles em relação a serem homens e estar cursando pedagogia.

Professor A – No curso de Pedagogia eu não vejo algo de negativo dentro do curso, o que acontece é a representatividade que nós não temos tanto. Eu acredito que seja tanto pelo

mercado de trabalho que não proporciona essa demanda para o homem estar atuando na Educação Infantil, que são os anos iniciais (o pré-zinho). Então a gente não tem uma representatividade apesar de no curso ter alguns homens, mas na escola a gente não vê, desde que a gente entra na escola a gente não vê muitos homens atuando como professor. Então eu acho que de várias formas isso acaba afetando a gente. Sendo que a Pedagogia é um curso para nos tornarmos profissionais, então se somos profissionais e os pedagogos pela sociedade estão sendo vistos como cuidadores e não como pedagogos principalmente na Educação Infantil. Então temos que lutar muito para mudar essa visão de cuidador para realmente ser professor nesse viés de educação infantil que é visto como cuidador, que está ali, só como se fosse cuidar, que o menino vai passar o dia inteiro correndo, fazendo as necessidades básicas e eles estão lá só pra cuidar do menino e não dando aula para crianças.

Professor B – A falta do Pedagogo no mercado de trabalho, principalmente na Educação Infantil que acho ter um pouco de desconfiança em relação aos homens, ele é um pouco mal visto, mas eu não entendo o discurso de alguns Pedagogos que mulheres já nascem com a predisposição de ser mãe de ter esse cuidado enquanto o homem não tem.

Professor C – Sim, primeiramente uma espécie de bullying por estar cursando um curso “de mulher” e também na questão da busca por estágios em Educação Infantil que na época, quando surgiam vagas em diferentes instituições sempre voltadas apenas para as mulheres.

Professor D – Ao longo do curso não. Em todas as instituições que estive presente com estágios sempre fui bem recebido e não foi observado apenas o gênero e sim a qualidade do docente. Mas após o término do curso veio a dificuldade de conseguir emprego por ser homem.

Professor E – Não digo uma experiência negativa, mas um certo desconforto, nos momentos quando algum professor informava oportunidade de estágios remunerados mais com a oportunidade disponibilizada somente para mulheres, me sentia excluído.

Podemos perceber a partir das falas dos entrevistados, que apesar das perspectivas que eles têm, de que o número de homens que ingressam no curso é muito inferior ao de mulheres, isso não interfere de maneira significativa em sua vida acadêmica, porque durante esse período busca-se a construção de um aprendizado que seja eficaz na prática. O grande problema mencionado por todos os entrevistados é no início de sua vida profissional como educador de crianças pequenas. A chegada de um homem num espaço dominado por

mulheres e supostamente feminino produz uma sensação de deslocamento, desconfiança e incômodo (SAYÃO, 2005, p. 67).

O início da vida profissional se torna difícil, o profissional sente-se fora de contexto em seu ambiente de trabalho, se sente solitário no contexto em que se encontra, não encontrando assim outro professor no ambiente em que vai atuar para uma troca de experiências e que o mesmo sinte-se mais seguro no seu fazer docente.

Representatividade significa aquele que representa politicamente os interesses de um grupo, de uma classe ou de uma nação. Com base nessa informação, identifica-se a concordância das falas dos professores A e B. Quando falam da escassez de professores homens na Educação Infantil, eles não se sentem representados no ambiente docente, pois a presença de homens no âmbito infantil é inexpressiva, mesmo que a maioria do corpo docente seja composta por mulheres, a instituição escolar é um espaço com homens, muito embora poucos. O “Professor C” salienta que desde o ingresso no curso já passou por situações negativas por ser questionada sua masculinidade por causa de estar em uma espaço que é dominado pelas mulheres, Sayão (2005) argumenta que:

É possível perceber que, no magistério, especialmente na docência com crianças pequenas, o ideal de ser reconhecido como homem pressupõe certas provas e contraprovas. Não é algo que está dado. A convivência em espaços de intensa feminilidade propicia uma reavaliação das masculinidades e das feminilidades, bem como dos processos identitários dos/as diferentes profissionais (SAYÃO, 2005, p. 216)

No fazer profissional de pedagogos que atuam na Educação Infantil segundo defende Sayão (2005) a masculinidade é posta a prova, por o homem estar em um ambiente onde se desenvolvem atividades tidas como femininas e lhe dando o com o cuidar do espaço educacional e de crianças. O professor C relata ainda a dificuldade de ingressar no mercado de trabalho, seguido por o professor D e E, que também abordam o mesmo problema em relação ao fazer docente apresentando a dificuldade da busca de atuação no mercado de trabalho.

Esse profissional mesmo apresentando uma boa formação acadêmica dificilmente consegue trabalhar nesta área a não ser que seja através de concurso público, mesmo assim, tendo que lidar com preconceitos, tendo que provar diariamente sua capacidade e “verdadeiras intenções” devido a estar atuando junto às crianças de pouca idade, enfrentando várias reações negativas dos pais, as críticas do corpo docente da escola, o modo como a sociedade o vê, e questões relacionadas ao cuidar e o ensinar (SILVA, 2014, p. 16).

O pedagogo encontra dificuldades já no ingressar no ambiente docente como relatado nas entrevistas. Existem dificuldades por que as instituições educativas não aceitam sua presença lidando com crianças, pois, como expõe Silva (2014), há durante o processo docente

do homem atuando na Educação Infantil vários estigmas que ele precisa enfrentar para continuar com o seu fazer profissional.

A maioria dos entrevistados relatou também a existência de algum tipo de "estranhamento" no começo de sua vida docente, seja por causa da insegurança de cada um deles em relação ao trabalho a ser desenvolvido, seja pelo "olhar do outro" acerca de sua presença em uma profissão exercida predominantemente por mulheres. Percebemos também os anseios apresentados pelos egressos em relação ao ambiente que irá acolhê-los para o exercício do magistério, transparecendo insegurança em seu discurso.

4.3 Dificuldades Por Ser Homem

Buscamos perceber quais as maiores dificuldades enfrentadas por pedagogos que buscam estagiar na Educação Infantil, quando estão tentando encontrar seu espaço nessa etapa final da vida acadêmica e o início de sua vida profissional. as dificuldades são diversas enfrentadas

Professor A – Não encontrei dificuldade. As professoras nunca transmitiram algo por ser homem e estar atuando com crianças pequenas, só dou ênfase é na representatividade, que a gente chega na escola não vemos homens, não vemos nenhum Pedagogo homem para conversar perguntar como é o dia-a-dia dele, o diálogo dele com os pais, os outros professores, a gente só ver mulheres é algo majoritariamente composto por mulheres. É uma questão de representatividade dentro do mercado de trabalho.

Professor B – Em relação às dificuldades, tanto em relação aos alunos quanto aos professores no estágio eles não veem como algo negativo, mas alguns pais a gente percebe que eles veem que ter um estagiário homem, principalmente os que têm filhas, eu percebi isso.

Professor C – Minha única vivência em Educação Infantil foi no estágio obrigatório e nele não tive muitas dificuldades.

Professor D – A maior dificuldade é a família aceitar que homens podem ser professores e nos ver como cuidadores dos seus filhos. E outra dificuldade são “alguns” professores(as) verem você apenas como estagiário e não como colega de profissão.

Professor E – A maior dificuldade foi a dependência dos educandos, mas sei que isso é uma característica da idade.

Compreendemos que nos entrevistados, suas maiores divergências foram com a falta de representatividade, como pontua o professor A. Há falta de frente representativa de professores homens na Educação Infantil, que não encontram pedagogos homens nas escolas para perguntar como foi sua rotina e como é seu dia a dia, mesmo sabendo que a profissão iniciou com homens, que eram os únicos a aprender e a ensinar e que predominaram na área por muito tempo, até que as mulheres pudessem ingressar nela.

O modo como os pais das crianças reagem ao presenciar um homem na sala de aula, deixavam transparecer o descontentamento que sentiam ao ver que havia um homem cuidando de seu filho ou de sua filha. É desse modo que os professores B e D expõem a maneira que veem as reações das famílias que fazem parte da comunidade escolar. Segundo salienta Sousa (2011) sobre essa questão, não podemos apenas colocar os pais como preconceituosos e intolerantes a respeito da figura de um homem como professor de seus filhos neste nível de ensino, os pais na maioria das vezes não possuem o esclarecimento a respeito da importância da referência masculina nesta etapa da vida das crianças.

Deve-se prezar pelo fazer docente independentemente de qual gênero é o profissional, salientando que a presença dele no ambiente deve-se ao fato do mesmo ser capacitado para atuar como educador e que a figura masculina pode ser importante no desenvolvimento da criança por falta dessa figura no ambiente familiar este ser considerado a referência em sua vida. O professor C não deixa claro que dificuldade encontrou no processo de passagem pela educação infantil, mas entende-se que houve por dizer que “não houve muitas dificuldades”, deixando assim questionamentos a respeito de que dificuldades ele enfrentou.

O Educador Infantil tem papel de extrema importância no desenvolvimento da criança, o mesmo é criterioso por propiciar experiências que ajudem a criança a desenvolver suas capacidades cognitivas, como: atenção, memória, raciocínio, entre outras, é um processo longo, por isso deve haver uma entrega por parte do educador em relação às crianças. Sarmiento (2010) acredita que o professor ao estimar o discente tem por consequência, uma ajuda na aprendizagem do aluno. E este aluno, que já terá sentimentos de confiança e consideração por seu docente, terá mais pretensão de adquirir conhecimentos, por isso, é nítida a obediência que as crianças têm com relação ao seu educador.

4.4 Por Onde Andam os Professores da Educação Infantil?

Nosso objetivo é levar os professores a refletirem por que há tão poucos docentes homens atuando na etapa da Educação Infantil. E, de acordo com suas experiências nos relatar o porquê que isso acontece, quais os principais motivos que acarretam essa falta do pedagogo nas escolas atuando na educação com faixa etária de até 5 anos.

Professor A – Justamente por esse olhar já construído da Pedagogia principalmente na questão infantil ser muito ligado ao cuidado, a gente pode ver que às vezes os pais nem olham na cara da professora, a gente vê isso no estágio eles jogam o menino como se dissesse assim vamos colocar ele ali naquele quatinho que tem uma pessoa pra cuidar que eu vou trabalhar, muitos pais não acreditam na potencialidade no Ensino Infantil para que a criança no decorrer da sua construção pedagógica dentro das escola para isso se tornar mais fácil porque na Educação Infantil a criança pode sair já quase lendo e ela chegar a isso no ensino fundamental no primeiro ciclo com esse conhecimento é muito bom, porque tanto vai dar menos trabalhos para os professores por que eles tem muito trabalho por conta de alunos que não foram bem trabalhados eles tem que refazer muita coisa que outros professores não fez, então eu acredito que tem muito essa visão que é só pra cuidar é só pra esta ali enquanto os pais vão trabalhar e fora os preconceitos com o homem em si, que como a mulher é te aquela coisa maternal que a mulher tem o cuidado que é dito que a mulher já nasceu pra ser mãe que ela já nasceu com isso que sabemos que isso não é verdade tem mulheres que não querem ser mães, então eu acho que a pedagogia tem que ser vista mais como uma coisa profissional, como pessoas que estão entrando na universidade para se tornarem profissionais e serem vistos como profissionais.

Professor B - ? (o entrevistado por participar da aplicação do questionário junto ao Professor A achou a fala de seu colega muito coerente e optou por não acrescentar sua fala)

Professor C Acredito que é por conta do preconceito que existe quando associam de maneira geral todos os homens. Também pelo rótulo que colocam nas mulheres por terem “instintos maternos”.

Professor D – Alguns motivos são a insegurança de estar com crianças pequenas e preconceito de pais com o professor do sexo masculino.

Professor E – Acho que a sociedade criou um estereótipo, que a Educação Infantil é voltada para o “universo feminino” e que o homem deveria ocupar outros cargos como por exemplo; Policial, Advogado, Arquiteto etc. Todos devemos trabalhar com aquilo que gostamos.

O papel da Educação Infantil segundo o professor A ainda é muito segregado ao cuidar, cabendo ao professor(a) desempenhar essa tarefa. De acordo com Oliveira (1995, p. 32), a formação do educador infantil deve estar baseada na concepção de educação infantil. Deve buscar a superação da dicotomia educação/assistência, levando em conta o duplo objetivo da educação infantil de cuidar e educar.

Mas como salienta o professor A, na visão de Educação Infantil que as famílias possuem, veem essa etapa de ensino como espaço que proporciona os cuidados corporais que a criança necessita e lugar para o lazer de seu filho por meio de brincadeiras desenvolvidas na escola. O professor B achou a colocação do seu colega muito pertinente chegando a concordar com tudo que ele falou.

O professor C aborda que, atualmente, a educação em todas as suas etapas, em sua grande parte é composta por mulheres, principalmente nas séries iniciais, existindo assim preconceitos produzidos culturalmente sendo a maioria na educação infantil, cujo pensamento é que só mulheres são aptas devido a sua essência maternal ou laço de cuidar de uma criança.

A principal dificuldade enfrentada pelo profissional de pedagogia do sexo masculino, vai se refletir em números, comprovando toda essa dificuldade desse profissional que por mais formado e preparado que seja se depara com esse antigo pensamento da nossa sociedade, onde só os homens podem oferecer perigo as nossas crianças, como se fossem o “lobo mau”, causado possíveis estranhamentos e preconceitos (SILVA, 2014, p. 16)

Embora esse profissional, apresentando uma ótima formação acadêmica, dificilmente consegue trabalhar nessa área, tendo que lidar com preconceitos e buscando provar suas capacidades e responsabilidades, devido a atuar junto às crianças de pouca idade, enfrentando diversas resistências dos pais, do corpo docente da escola e o modo como a sociedade o vê por está em um ambiente considerado feminino e desenvolver atividades que na vida privada são relegadas a mulher.

O estereótipo que a sociedade coloca na Educação Infantil como tarefa feminina levamos a questionar se realmente a Educação Infantil é lugar apenas das mulheres, pois antes era tida como profissão apenas masculina e a mulher não possuía o direito de frequentar ambientes educacionais, mas, ao longo do tempo essa ideia veio enfraquecendo tendo em vista que segundo Sousa (2010, p. 23),

Na segunda metade do séc. XX as mulheres iniciaram seu processo de escolarização e profissionalização por meio da formação superior. As universidades passaram de maneira enfática, assim como no mundo do trabalho a fazer uma divisão sexista de carreiras profissionais, a exemplo das Engenharias, Geologia e Agronomia, profissões excepcionalmente masculinas (lembrando sempre a possibilidade das exceções) e a Enfermagem, o Magistério e o Serviço Social, profissões indiscutivelmente femininas.

Como salienta a autora, na sociedade, as profissões tidas como femininas e outras que são de cunho masculino. Mas, o processo de construção de identidade das profissões depende do quantitativo de profissionais de um ou outro gênero que ingresse em determinada profissão para que haja mudança nesse paradigma, garantindo um ambiente caracterizado pela diversidade, contribuindo para que a criança reconheça o ambiente escolar como espaços para ambos os gêneros.

Podemos ver que, segundo os entrevistados, há alguns motivos que contribuem para a ausência do professor na Educação Infantil, eles salientam que o preconceito entre a comunidade escolar se faz muito presente, por haver um estranhamento na presença da figura masculina desempenhando atividades que comumente são desempenhadas por mulheres, o que faz com que o exercício da profissão se torne um pouco difícil, pois, o educador irá repensar algumas práticas e o modo de lidar com as crianças.

4.5 Educação Infantil, Você Aceita?

Indagamos os professores se depois de formados, caso aparecesse a proposta para lecionarem na educação infantil, se eles aceitariam, se seriam capazes de enfrentar todos os estigmas já relatados por eles e partirem em busca de uma quebra de paradigma com a sua atuação nas séries iniciais de escolarização.

Professor A – Sim, com certeza! Eu aceitaria porque primeiramente vai ser um desafio por meio de uma conjuntura social que nega esse ambiente para o professor homem, e vai ser muito bom para mostrar para aquelas pessoas que não acreditam nisso que eu posso desempenhar um bom trabalho que eu posso fazer com o que seus filhos se desenvolvam e com o passar do tempo pelo menos dentro de uma escola esse olhar seja reconfigurado “ a não, aquele professor homem ele consegue realmente trabalhar com meus filhos eles mostram que estão aprendendo” e por isso, eu acho muito importante que os pedagogos homens comecem a estar conquistando a estar nesses espaços e quererem estar nesses espaços porque a Pedagogia se enraíza de diversos modos e em diversos lugares e a gente tem que estar

ocupando os diversos lugares assim como as mulheres já estão ocupando, porque você querendo ou não a Pedagogia é um curso voltado mais para as mulheres, porque se você for olhar para a história da Pedagogia tem isso, era voltado para o público feminino justamente por causa desse cuidado que a mulher tem com as crianças e tal.

Professor B – Eu aceitaria, por ter sido uma experiência muito enriquecedora, é esse estágio na Educação Infantil, que até eu não concordo por ser o último estágio, porque gostaria que fosse o primeiro estágio, foi uma experiência muito boa, ter conhecidos todas as crianças, a relação, os conteúdos as práticas que são desenvolvidas. Eu não pretendo trabalhar lá, mas caso surgir uma vaga eu posso optar por trabalhar.

Professor C. Não. Por conta desse mesmo preconceito eu não me sentiria à vontade em levar crianças ao banheiro, auxiliar em sua higienização, trocar fraldas e etc. Viveria com o constante medo de ser mal interpretado ou vítima de discriminação por conta do meu sexo.

Professor D. Sim, porque somos capazes de estar presente na Educação Infantil, passamos por ela na academia. Somos aptos tanto na Educação Infantil, Fundamental e EJA. Basta você continuar aprendendo e a Educação Infantil não é um bicho de sete cabeças.

Professor E. Sim, pois me daria mais experiência.

A afirmação do Professor A deixa claro que é preciso ir contra a visão criada pela sociedade que Educação Infantil é lugar de mulher. O docente ainda pontua que é necessário que os homens também atuem de forma mais ativa nesse período de ensino, para que os estigmas possam ser, pelo menos, diminuídos pela a presença mais massiva do professor, pois, vê-se esse espaço como feminino por conta do fato do profissional do sexo masculino ser minoria e a comunidade escolar ainda compartilhar a visão que o cuidar é tarefa voltada para a mulher. Ao falarem de suas diferentes concepções sobre o exercício da profissão, professores e professoras remetem às próprias experiências, apontando tensões entre os significados masculinos e femininos tradicionais e tentativas de transformação desses valores (VIANA, 2002, p. 20).

Segundo Viana (2002, p. 19) na experiência profissional acontecem conflitos externos e internos com os profissionais que buscam desenvolver sua profissão na Educação Infantil, seja do sexo masculino ou feminino. Cabe ao mesmo, por meio do enfrentamento dessas experiências, construir seus valores para assim poder mudar uma visão machista da sociedade neste aspecto.

O pedagogo, ao formar-se no curso, busca o ambiente educacional tentando ampliar suas experiências docentes ocorridas no período de sua formação. Os professores B, D e E, afirmam que, possuem capacidade para atuar no ambiente com crianças pequenas e que sua formação acadêmica supre essa necessidade de capacitá-los. Essa perspectiva é importante, pois, segundo Sayão (2005),

quanto maior o envolvimento de homens na Educação Infantil, aumentará a opção de carreira para eles contribuindo para que se desfizesse a imagem de que esta etapa da educação básica é um trabalho apenas para mulheres alterando, dessa maneira, a imagem da profissão e quem sabe melhorando, significativamente os salários e o status da carreira. (SAYÃO, 2005, p.16).

Faz-se necessário a presença do homem no ambiente do ensino infantil por possibilitar um leque de experiências enriquecedoras a ele e as crianças, que poderão desenvolver relações afetivas mais consistentes. Mas, no ambiente educacional que trata de crianças pequenas, há um preconceito arraigado, o que fica evidente no relato do professor E. Esse olhar leva os profissionais do sexo masculino a se sentirem vigiados e receosos levando eles a repensarem práticas e seu modo de lidar com crianças.

Percebemos que a atuação na Educação Infantil para os profissionais do sexo masculino apresenta várias dificuldades, essas se apresentam mais na relação com os profissionais da escola e com os pais do que com o fazer pedagógico com as crianças, por que há um preconceito sobre o cuidar ser inerente a mulher e um medo por parte dos pais e outros profissionais da escola com o homem estar em contato com a criança.

4.6 Sou Minoria Como me Sinto?

Buscando perceber também como os professores se veem quanto a minoridade numérica na profissão e no curso, salienta-se como eles se sentiam sabendo que eram minoria em sua profissão, entramos no cerne desta questão a levá-los a refletirem acerca de como se sentiam sabendo que naquele espaço profissional eram a minoria.

Professor A – Olha, eu já sou uma minoria em todos os aspectos, bicha, preta, periférica, então pra mim não é novidade. A gente vai encontrando as barreiras e vai conseguindo passar por elas de uma forma mais tranquila possível, porque também como falei não há tantas coisas, as professoras recebem muito bem a gente elas não fazem distinção se é homem ou a mulher, a gente vê um olhar diferenciado dos pais que eles tem aquele pensamento que, quem tem que cuidar é a mulher não o homem mais é super tranquilo, a gente estar no ambiente

super legal elas recebem muito bem, nunca sentir que recebia algum tipo de preconceito por ser homem e pedagogo.

Professor B – não respondeu.

Professor C – Particularmente não vejo problema, até gosto, estou ciente que sou minoria mas isso não me impede de ter minha voz e opiniões respeitadas na instituição em que leciono.

Professor D – No meu convívio, não achei diferente. Conquistei meu espaço, mesmo sendo minoria. Talvez no início a timidez prevalece... Mas, como profissional você consegue enfrentar essas situações.

Professor E – Não vejo isso como problema, o importante é uma boa relação profissional e um ambiente amigável.

Os professores salientam que ser minoria no espaço da Educação Infantil não lhes causou dificuldades no fazer docente e nas relações com outros profissionais que atuam naquele espaço educacional. Mas, perceberam um olhar diferenciado das famílias que compõem a comunidade escolar, acreditando que isso se deve ao fato do novo ser visto com receio. No entanto, à medida que o tempo passa vão conquistando o seu espaço.

Ao optarem, por várias razões, por uma profissão considerada “feminina” os professores fomentam estratégias envolvendo relações que moldam parte de um pacto que consiste na sua “aceitação” como membros do espaço institucional da creche. Tais estratégias são elaboradas e se desenvolvem pelo enfrentamento das diferenças e concepções de gênero e de Educação Infantil (SAYÃO, 2005, p.65).

Essas estratégias mencionadas por Sayão (2005) são uma forma do homem sentir-se mais à vontade para desenvolver seu fazer docente de forma a sentir-se mais seguro. Para isso, ele busca construir boas relações com a comunidade escolar tentando colaborar com um ambiente de convívio amigável, um espaço capaz de contribuir para a construção de sua carreira e formação eficaz. Há rejeição ou resistência da parte dos profissionais e dos professores quanto ao vocábulo “cuidar” quando o mesmo era verbalizado dissociado do educar. Havia uma nítida intenção de justificar a todo o momento que “nós não cuidamos, nós educamos e cuidamos” (SAYÃO, 2005, p. 159).

Nessa perspectiva os profissionais se veem como alguém capacitados para atuar na Educação Infantil e que o cuidar é parte inerente do seu fazer pedagógico, não podendo ser desvinculado do educar e tem que ser desenvolvido na atuação na escola.

4.7 Educação Infantil Ou Não? Qual A Melhor Faixa Etária Para Lidar?

No meio acadêmico e profissional, onde pedagogos atuam, buscamos entender em que meio ele prefere atuar, se a educação infantil os atrai ou não, se o cuidar inerente a essa etapa de ensino os faz preferirem não ingressar em experiências onde isso não ocorre.

Professor A – Não

Professor B – Não.

Professor C – 5 anos em diante. Porque eles já compreendem melhor os conteúdos, não choram tanto, são mais compreensíveis e se comunicam melhor.

Professor D – Ensino Fundamental, pois as crianças já têm mais independência, foi onde consegui identificar-me.

Professor E – A partir de 8 anos de idade. Nos estágios observei que me identifico com essa faixa etária, porque a maioria dos alunos gostava de questionar e argumentar as ideias dos conteúdos que eram ensinados, e eu gosto disso, isso me motivava a levar sempre algo novo, e eles sempre também tinham algo novo para ensinar e isso me fazia adquirir mais conhecimento.

Percebe-se que a atuação com crianças que não necessitam de uma maior atenção e cuidados é o público que esses professores pretendem atender. Segundo Coutinho (2019, p. 146)

Para evitar o medo e desconfianças manifestados pela presença de um docente masculino na escola da infância, principalmente relacionado aos cuidados corporais de crianças pequenas, que relacionam o homem a uma concepção de sexualidade incontrolável, algumas gestoras escolares utilizam critérios para a lotação deste profissional, evitando colocá-los para trabalhar com as crianças menores.

Segundo o autor, os anseios com os cuidados corporais são vistos por homens que atuam na Educação Infantil como algo negativo, não por conta do ato em si, mas por considerarem tarefa feminina e sentirem-se superiores. Por causa de olhares que sofrerão pela

comunidade escolar que vê no homem praticando o cuidar de crianças, um estranhamento por ser uma tarefa culturalmente feminina.

4.8 Mulher É Mais Capacitada Para O Cuidar E O Educar?

Buscamos compreender suas concepções a respeito do que é culturalmente defendido, que a mulher é mais apta para atuar na educação infantil por esta ser considerada portadora de uma alma materna e ter mais facilidade para educar e cuidar de crianças pequenas, indagamos se eles defendiam essa ideia;

Professor A – Não. Acho que primeiramente vai predominar o fazer profissional independentemente de ser homem ou mulher, o que faz as pessoas pensarem isso é que a mulher pratica mais o cuidar mas não que o homem não será menos capaz que elas.

Professor B – Não respondeu

Professor C – Sim

Professor D – Acho que independente de gênero masculino ou feminino, todos nós formados em Pedagogia somos aptos para estar presente na Educação Infantil. A grande diferença é que as mulheres estão a mais tempo na profissão. É como o homem está mais na profissão de Policial. Culturalmente estamos envolvidos em uma sociedade assim, mas que precisamos modificar e mostrar o valor do profissional da educação tanto sendo homem como sendo mulher.

Professor E – Não concordo. Existem homens também bastante capacitados que exerceriam um ótimo trabalho.

No processo inicial de aprendizagem da criança, a figura do docente será de mediador de aprendizagem, não desqualificando, assim, o fazer profissional do homem ou da mulher, pois, nessa etapa, o cuidar e o educar na Educação Infantil são basicamente os parâmetros que regem essa etapa de ensino. Assim, os professores e professoras precisam propiciar maneiras para que os alunos possam desenvolver suas aprendizagens no contexto educacional. Segundo Gonçalves e Penha (2015, p. 187);

É comum haver estranhamentos por parte dos pais e participantes da escola afinal fomos criados para aceitar a mulher cuidando e educando a criança e quando nos

deparamos com um homem nesta função nos causa impacto, pois se fossemos acostumados desde pequeno a tais práticas tudo seria diferente, saberíamos como lidar com essas situações e não agiríamos de forma certamente preconceituosa sobre a atuação da figura masculina no magistério da Educação Infantil.

As crianças, nesse período, necessitam de uma pessoa para orientá-las nessa etapa de aprendizagem, nesse processo inicial a criança se vê na presença de uma professora para educá-la e cuidar, sendo vista como a mais qualificada para desempenhar esse papel por ser mulher e já ser construída uma visão a respeito da mulher ser mais sensível no cuidado com crianças.

Quando questionados se a mulher seria mais apta a cuidar de crianças pequenas, os entrevistados em sua maioria disseram que eram contra essa afirmação. O Professor A expõe a ideia de que o importante é a formação profissional, esta é a responsável para ser desenvolvido um bom trabalho e pontua a ideia criada pela sociedade da mulher como melhor cuidadora por estar a mais tempo desenvolvendo essa função.

O “Professor D”, em sua fala, concorda com a ideia do “Professor A”, percebendo que sua ideia baseia-se em estigmas que a sociedade coloca em profissionais que atuam em diversos meios. Como ele afirma culturalmente cuidar de crianças é visto como tarefa feminina por que o homem é tido como responsável do sustento do lar e por isso é aceitável estar na maior parte do tempo fora de casa. Enquanto a mulher tem que ficar na residência cuidando da casa e dos filhos. Já a profissão de policial, por exemplo, envolve altos riscos, demanda em vários casos força física, é tida como uma profissão masculina. O “Professor C”, concorda que as mulheres sejam mais aptas a cuidar de crianças pequenas, mas não defendeu sua posição em relação à afirmação. Silva (2012, p. 13) afirma que

Os homens aprendem a cuidar, assim como as mulheres também cuidam, mas ambos quando são diferentes também cuidam de forma diferente e diversa; não existindo um padrão feminino ou masculino de cuidar, independentemente do gênero do professor, esse profissional atuará na Educação Infantil conforme sua capacidade, amor e dedicação.

Nesse sentido, a relação entre cuidar e educar, para proporcionar o desenvolvimento da aprendizagem da criança, não apresenta a ideia de professoras serem melhores que professores nessa etapa de ensino. Ao invés disso, observa-se uma preocupação com a qualidade da formação desses profissionais que serão responsáveis por ajudarem crianças a conseguirem alcançar o pleno desenvolvimento de suas habilidades motoras, intelectuais e sociais.

5 ONDE CHEGAMOS

Em toda profissão há desafios a serem superados e paradigmas a serem quebrados, cabe ao profissional se adequar e buscar uma melhor formação e com o pedagogo não é diferente. A docência na Educação Infantil é considerada como espaço feminino, mas, o homem já vem ocupando espaço, buscando reconstruir esse conceito, pondo em prática seu fazer docente e mostrando que Educação Infantil é lugar para profissional capacitado que atenda as necessidades de formação das crianças.

Apesar de sofrer com estigmas culturalmente impostos por a sociedade, e sua prática ser cercada por receios quanto a estar desenvolvendo atividades femininas, como trocar fraldas, banhar e limpar crianças, o homem pode ser visto como alguém sem as habilidades “certas” para educar e por isso não atenderia às demandas infantis, papel esse relegado à mulher. O homem sofre com olhares estranhos, em relação à sua prática, já que a sociedade naturaliza, desde sempre, o papel da mulher cuidando de crianças pequenas; e os que atuam são questionados de sua masculinidade por estar em ambiente majoritariamente feminino.

Os pedagogos presentes na Educação Infantil se veem alheios àquele espaço, por não sentirem-se representados, havendo poucos profissionais homens atuando de forma efetiva, por isso foi difícil analisar o fazer docente para homens na Educação Infantil, pois não encontramos público para a construção da pesquisa. No desenvolvimento de práticas educativas, seja na escola ou em outros espaços de formação, deve-se articular a formação do indivíduo desvelando as relações desiguais de poder entre homens e mulheres e buscando vivências inclusivas.

Ter um ambiente com a presença masculina contribui com um espaço mais diverso para a criança. Podemos perceber com a pesquisa que existem muitas dificuldades nas relações entre os profissionais na Educação Infantil, mas, que tais relações com as famílias ainda são tensionadas, por predominar um sentimento de estranhamento por estes não estarem habituados a presença do homem nesse meio de trabalho e a mulher ter de presença majoritária nessa tarefa.

Esperamos que essa pesquisa possa colaborar para discussões a respeito do assunto por se tratar de um tema que abrange diversas nuances. Procuramos, assim, colaborar para a construção de novas ideias sobre a prática docente na Educação Infantil e discussões acerca do tema por ser de extrema relevância para a sociedade, construindo novas concepções de

sociedade onde a capacidade de ensinar não está relacionada ao gênero, mas aos aspectos inerentes à profissão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane. Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.
- AZEVEDO, G. Educação Infantil é lugar de homem? Eles mostram que sim. **Uol**, São Paulo, 02 de Setembro de 2017. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/09/02/educacao-infantil-e-lugar-de-homem-eles-mostram-que-sim.htm>. Acesso em: 28 de jan. de 2021
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CARVALHO, M. P. **Vozes Masculinas Numa Profissão Feminina: o que têm a dizer os professores/as?** Setembro de 1998. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/PintodeCarvalho.pdf>. Acesso em Agosto de 2020.
- COUTINHO, R. M. **O Docente Masculino de Educação Infantil na Amazônia: Como se Percebe e é Percebido no Espaço Escolar de Oriximiná/PA**; Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências e Educação, Programa de Pós Graduação em Educação Infantil; Santarém; 181 p. 2019.
- GONÇALVES, N. R; PENHA J. P. **Professor homem na Educação Infantil: o olhar dos acadêmicos e alunos egressos do curso de pedagogia**. Zero-a-seis – Revista eletrônica editada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação na Pequena Infância - v. 17, n. 32 . p. 170- 192. Florianópolis, jul-dez 2015.
- LARA, A. M. B. ; MOLINA, Adão Aparecido . **Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias**. In: Cèzar de Alencar Arnaut de Toledo; Maria Teresa Claro Gonzaga. (Org.). Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas. Maringá: Eduem, 2011, v. 01, p. 121-172.
- LESSA DE OLIVEIRA, C. Um Apanhado Teórico-conceitual Sobre A Pesquisa Qualitativa: Tipos, Técnicas E Características. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 3, mar. 2010. ISSN 1982-5935. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>>. Acesso em: 31 jan. 2021.
- OLIVEIRA, Z de M. **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1995.
- SANTIAGO. M; C. AKKARU, A. MARQUES, L.P. **Educação Intercultural : desafios e possibilidades**. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2013.
- SARMENTO, T. **“Correr o risco: ser homem numa profissão ‘naturalmente’ feminina”**. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA - SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS: REFLEXIVIDADE E AÇÃO, 5., 2002. Anais... Braga, Portugal, 2002.
- SAYÃO, D. T. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, A. C. G. da. **Reflexões sobre o professor do sexo masculino na Educação Infantil.** São Gonçalo. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

SOUSA, M. J. R de . **EDUCAÇÃO: profissão para o feminino, bico para o masculino.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, Florianópolis. UFSC, 2010.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cad. Pagu.** 2002, n.17-18, pp.81-103.

ZANETTE, M. S. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educ. rev.** [online]. 2017, n.65, pp.149-166. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47454>.